



Representações Femininas no Filme ‘A Excêntrica Família de Antônia’: Interseções entre Literatura e Cinema¹

Samilo TAKARA²

Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA³

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

O tema proposto neste artigo são as representações femininas no filme “A Excêntrica Família de Antônia” e relacionar suas interseções entre cinema e literatura. Sob essa visão, a reflexão proposta por este trabalho é retratar como a mulher é vista hoje, despida do conceito criado pelo patriarcado e trazer leitura dessas representações, na literatura e no cinema. E dessa forma, ver a mulher, em sua totalidade, livrando o gênero das amarras sociais criadas pela visão patriarcal em que a mulher era apenas um objeto com as funções “simples” de procriação, manter a organização da casa e da vida do marido.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; interfaces; representações femininas.

Introdução

O tema proposto neste artigo são as representações femininas no filme “A Excêntrica Família de Antônia” e relacionar suas interseções entre cinema e literatura. Sob essa visão, a reflexão proposta por este trabalho é retratar como a mulher é vista hoje, despida do conceito criado pelo patriarcado e trazer leitura dessas representações, na literatura e no cinema. E dessa forma, ver a mulher, em sua totalidade, livrando o gênero das amarras sociais criadas pela visão patriarcal em que a mulher era apenas um objeto com as funções “simples” de procriação, manter a organização da casa e da vida do marido.

Representadas como o “sexo frágil”, mas não condizendo com a realidade social em que mulher se encontra.

“O homem gosta de se apresentar como complicado, mas a mulher possui uma natureza muito mais complexa por si mesma. Justamente porque vive numa intimidade muito maior com o mistério... elas são menos malvadas que os

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces comunicacionais, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de Graduação 2º. ano do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro Oeste e integrante do Projeto de Iniciação Científica Voluntária da UNICENTRO, email: jornal.samyh@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Pós-doutora em Ciências da Linguagem, Orientadora da Iniciação Científica Voluntária da Disciplina de Análise do Discurso, ministrada por ela durante o ano letivo de 2007, e atual professora da disciplina de Semiótica do curso de Comunicação Social da Unicentro, e-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br



homens, a despeito do que proclamam as suas vítimas, mas também mais maliciosas”.(LIMA, 1969)

O estudo será feito a partir da representação na perspectiva de relação entre cinema e gênero, utilizando, também o contexto histórico para traçar um paralelo em relação ao enredo. “A Alemanha desenvolveu no pós-guerra a escola expressionista. Na pintura, desde o início do século, a idéia de expressionismo significava a busca de representar o interior dos seres e seus sonhos, fantasias e angústias, considerando mais importantes que a realidade objetiva...”. (ARAUJO, 1995)

O filme foi dirigido e seu roteiro foi feito por Marleen Gorris, tem 102 minutos, é um drama co-produzido na Holanda, na Bélgica e na Inglaterra. Os críticos consideram como uma celebração sobre a morte, de grande intimismo e profundidade, ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro e retrata a força, beleza e as escolhas que desafiam a época e seu regime patriarcal.

Entre os estudiosos “A Excêntrica Família de Antônia” é uma obra bela e otimista, sua história ocorre após a 2ª Guerra Mundial, sendo uma obra onírica e seus personagens têm suas dificuldades e suas histórias retratadas com muito simbolismo e representações pagãs. Essas mulheres possuem visões tão diferentes e atitudes que fizeram-se parte do ciclo da vida, das estações e cada uma delas possui seus anseios e seus medos que perpassam em signos e gestos dramáticos.

Definição do Gênero Feminino

A visão androcentrica sobre a mulher e seus papéis sociais, vistos como procriadoras e servidoras do lar, com o dom de manter em ordem a vida dos filhos e do marido é alterada na obra em questão, abordando o aspecto feminino e sua igualdade de direitos e deveres sociais é abordada de forma a introduzir no espectador que a idéia da “mãe-mulher-faxineira” é errônea, pois sua capacidade física e intelectual é desmerecida neste conceito arcaico. “Ela serve a vida, transmitindo-a a outros seres, na tarefa mais sublime de sua natureza (a procriação); serve a vida, como educadora nata da infância, como conselheira do homem a existência”. (LIMA, 1969)

A mulher, vista com um espírito de aceitação comum ao patriarcado e suas repressões ao feminino, transformou os conceitos sociais e reconfigurou sua presença



abrindo espaço para desenvolver suas habilidades sem ser censurada pela cultura patriarcal que “configurou” a sociedade. O filme tira este formato da família e assume novos aspectos. Antônia, que é a protagonista, em uma das cenas nega o pedido de casamento do Fazendeiro Bàs, mesmo sendo viúva e tendo uma lavoura para cuidar, ela mantém-se firme no aspecto da mulher feminista, que não depende do homem para prover a casa e ensinar os filhos.

As representações das mulheres são feitas, com a premissa de ver apenas três papéis para as mulheres, a procriadora, a mãe que cuida e a mulher que rege a casa e os afazeres do lar, além do bem-estar do marido. Outro ângulo pelo qual é vista é como a sedutora, a grande malícia, mas essas não correspondem ao papel de mãe e esposa. Um caráter presente na representação feminina da época que o filme aborda, pois a mulher que é “mãe” não é para o prazer sexual, para este papel existiam as meretrizes, as “mulheres de vida fácil”. A representação da perfídia e da maledicência, da mulher interesseira que tem como interesse único e exclusivo da sua relação social é o dinheiro e os benefícios que este relacionamento trará.

A mulher, vista no Gênesis com a potência sedutora eterna na personificação de Eva, é a origem do mal e da infelicidade, tem potencial noturno, força das sombras, rainha da noite ligando a Lua e as suas fases. Outros valorizam aspectos são forças civilizadoras, ligando o esteriótipo da mãe, a educadora e aquela que destina os gêneros humanos, retomando o mito da mulher redentora que mais tarde na liturgia é representada por Maria, mãe de Jesus.

O paganismo presente na obra retrata a mulher vista nas sociedades tribais e na época em que a igualdade dos gêneros era muito presente. É perceptível em obras “catequizadas” que as mulheres são rerepresentadas como “frutos de todo mal”, representação perceptível no personagem de Morgana de Le Fay (Morgana, a fada), que em alguns livros (que foram escritos sob a luz do cristianismo) ela é pérfida e maldosa, diferente de obras pagãs que a mostra humana, forte e guerreira.

“O princípio feminino deve ser respeitado, tanto na natureza feminina tem dois pólos: um maternal e benéfico, outro mágico, vermelho como sangue, negro como o diabo, maléfico. Mães são mulheres benevolentes: elas se conformam ao seu papel tradicional de donas-de-casa”.(PERROT, 1988).

As Brumas de Avalon, livro que retrata a tradição pagã, as mulheres em vistas dos pagãos como Deusa, força da natureza que gera prove a vida. Esta divindade feminina traz as representações das mulheres e de seus papéis sociais como mãe, filha,



avó, neta. Além de sensibilidade, a maldade, a força, os dotes de cuidado, a fragilidade e toda uma teia de sentimentos que é visto no filme “A Excêntrica Família de Antônia”.

Cinema e Literatura: Estrutura e Concepção da Obra

“O cinema é e sempre será um jogo de arte, humanismo e sedução. Todo ‘bom filme’ apresenta um perfeito equilíbrio entre conteúdo e a linguagem fílmica, veiculadora desta mensagem”⁴. As representações dos medos e desejos humanos e suas formas de pensar e agir criam a atmosfera inicial para se discutir o que é o cinema e qual a importância da obra cinematográfica.

Segundo THOMPSON (1973) o filme possui a combinação de seis canais de comunicação, sendo eles E dessa forma há ainda as representações das experiências humanas que mesclam esse tipo de expressão. Como CUNHA (2007) retrata, com destreza, as relações entre literatura e cinema:

“A relação entre literatura e cinema não se esgota. As leituras críticas expandem a capacidade intertextual das duas linguagens, que não perdem a originalidade. Se o diálogo existe, resiste e persiste, desde o aparecimento do cinema, é porque ambas se beneficiam de suas ilusões, que nada mais são do que novas formas de se expressar”.

Aborda, também, os aspectos da obra cinematográfica, fazendo referências ao processo de formação da documentação das relações humanas. A palavra e a imagem nasceram para falar. A elaboração do discurso traduz essa necessidade de diversas formas, uma delas – a de maior relevo – é a narrativa... Narrar faz parte da natureza humana. É a articulação entre palavra e imagem (narrativa) que confere ao homem o caráter ôntico, isto é que o torna existente... Narrativa e humanidade se confundem. Se a humanidade compôs um tempo de uma história imaginada, uma pré-história, compôs uma narrativa retro-projetada e, por ela, foi composta. Narrar é relacionar personagens e ações, encadeando-as”.

A presença de movimentos filmados em conjunto com sons gravados faz da obra cinematográfica um veículo lógico e expressivo para a comunicação de idéias e documentação de fatos e para aquisição de conhecimento. O homem através da história

⁴TREVIZAN, Z. **As malhas do texto**: escola, literatura e cinema. São Paulo. Clíper Editora, 1998.



e da sociologia criou uma relação com o cinema e as representações, dentre essas, o mito masculinizado da mulher.

Simone de Beauvoir mostrou como que o discurso representado, silenciava as experiências das mulheres reais. A teoria feminista sobre o cinema tem enfatizado que o filme é “uma estrutura formada pelo olhar feminino” (Dagmar Von Hoff, em palestra na UFPR em 07/05/01).

Adquirindo essa ligação entre cinema e literatura e sua formatação podemos abordar melhor as representações do feminino nas obras cinematográficas e porque essa caracterização do feminino. Tereza de Lauretis⁵ argumentou “... que a mulher é representada como espetáculo, corpo para ser olhado, lugar da sexualidade e o objeto de desejo. Disseminando na nossa cultura, no cinema encontra sua expressão mais complexa e de maior repercussão”. Na história das mulheres com o cinema, emergem pelos menos dois aspectos fundamentais, a época e a visão do autor.

Sendo a época que o enredo acontece um modo de definir as atitudes da mulher confuso, sua presença e sua representação devido a pesquisas feitas e a visão do autor pode dar a mulher a caracterização de seu personagem (se ele fugir dos padrões da época) como vilã ou heroína da trama.

Discurso e Cinema: diálogos possíveis

Comunicação é a ação de trocar experiências, de transmitir conhecimentos e vivências. O cinema é um dos meios de comunicação mais eficientes, pois cativa seu público pelo lúdico, pela junção de sons, imagens, sonhos e interpretações que fazem com que haja identificação ou distanciamento de personagens e cenas.

A obra tratada em questão é um filme de produção europeia, que não se preocupa com efeitos especiais e grandes cenas de impacto, suas maiores preocupações são atuação, direção e produção. Thompson retrata isso quando define o filme como:

“um jogo de luz, sombra, cor, som e movimentos ilusórios na imaginação do espectador, não pode ser traduzido em nenhuma outra linguagem e sua apreciação tratasse de uma atividade especial que requer tanta atenção quanto a leitura de um livro, cada cena tem sua contribuição própria, para o impacto total”.(THOMPSON,1973)

⁵TEIXEIRA, Níncia C.Ribas Borges."Leituras Plurais: Diálogo entre Letras, Ciências e Artes. Guarapuava, UNICENTRO, 2006.



Conforme essas constatações, o estudo dentro da área de comunicação torna-se plausível, pois aborda a transformação dos olhares da massa para o perfil feminino. Seguindo a linha pesquisada por Noelle-Neumann e Anthony Giddens, a leitura deste filme retratará a mulher de um outro modo livrando o espectador do encontro viciado com a representação da mulher e a submissão dela perante a sociedade.

Giddens⁶ propôs a chamada Teoria da Estruturação sustentando que a ação humana e a estruturação social se relacionam entre si e que repetem atos e reproduzem estruturas. A sociedade afeta as pessoas e organiza seus modos de vida porque a estrutura social é, na visão de Giddens, produzida e reproduzida pelas pessoas.

Noelle-Neumann⁷, com seus estudos colabora com constatações sobre a formação das opiniões, pois essas são resultado das relações entre os Meios de Comunicação de Massa, a comunicação inter-pessoal e a percepção dos indivíduos conforme suas experiências. A opinião, segundo a autora, é fruto das condições sociais de valores.

Assim, esta obra cinematográfica vem quebrar os paradigmas criados pela sociedade patriarcal e trazer à tona a uma nova proposta da representação do feminino, que é abordado no filme. As teorias da comunicação vem solidificar a importância desta quebra de convencionalismo e a busca por respostas que possam melhorar o convívio social, e o “bem-estar” da comunidade, pois essa é a intenção da comunicação, realizar a manutenção da sociedade através da troca de conhecimentos adquiridos.

Mulheres Singulares: notas analíticas

Cada uma destas mulheres das personagens do filme possui suas peculiaridades e suas formas de pensar, todos seus atos são constatados a partir da análise da produção de seus discursos. Assim Antônia e sua ligação com a morte e o nascimento; a tri-dimensão de Danielle: imaginação, lesbianismo e arte; o pessimismo e a infelicidade, que são sentimentos ligados aos grandes intelectuais e que unem Theréze e “Dedo-Torto” e os olhos sonhadores ligados ao poder de contar o passado e emocionar de Sarah, a narradora e bisneta de Antônia.

⁶SOUSA, J.P. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e da Mídia**. Florianópolis. Editora Letras Contemporâneas, 2004.

⁷SOUSA, J.P. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e da Mídia**. Florianópolis. Editora Letras Contemporâneas, 2004.



As representações das mulheres nesta obra estão marcadas pelos seus elementos singulares e a data em que viveram explicados por três definições de Perrot:

“Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise opõe a guardiã da paz das famílias, na categoria de neurótica, filha do diabo, mulher louca, histérica e herdeira das feiticeiras condenadas pela inquisição de outrora. A ruiva heroína dos romances de folhetim, essa mulher cuja cor do sangue ilumina pele e cabelos e através da qual chega a desgraça, é a encarnação popular da mulher ígnea que deixa apenas cinzas e fumaça”. (PERROT, 1988)

Ainda podemos ter as representações idealizadas, ou ainda aquelas que são parte da visão da população opondo-se a figura da mulher fogo:

“Sua oposição seria a mulher água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta, rio sombreado e pacífico para banhar-se, onda enlanguescida, cúmplice dos almoços na relva; mas ainda água parada, lisa como um espelho, estagnada, amorosa, quieta, instintiva e paciente, misteriosa, um pouco traiçoeira, sonho do impressionista, idealização da mulher perfeita”(PERROT, 1988)

E ainda há a visualização da mulher terra, mas presente e real:

“Nutri e fecunda, planície estendida que deixa se moldar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e se enraízam os grandes caçadores nômades e os predadores; mulher estabilizador, apoio dos poderes fundadores, pedestal da moral, mulher-matriz, que sua excepcional longevidade transforma ela em coveira, mulheres das agonias e da morte, dos ritos mortuários, guardiã das tumbas, dos grandes cemitérios sobre a Lua, mulher negra do dia dos mortos”.(PERROT, 1988)

Com essas definições diferentes de três personificações femininas, que podem ser as mesmas mulheres é perceptível a força como donzela, aquela que possui sedução em seus passos e capaz de dominar todo um exército com beijos e carícias, já a mulher água é a mãe, a esposa que deve ser uma parceira fiel de seu esposo e que ele conheça a confiança que pode ter nela, como sua colaboradora e como ela é límpida e pura como uma lâmina d’água.

A mulher terra encerra este ciclo, ela é só, poderosa, com o dom de gerar e nutrir, mas ela também é a prenúncia da morte e da aridez que chega-se no fim da vida. Antônio a personagem principal da obra, possui uma identificação muito grande com a mulher terra, pois sua força para agir só e lutar para enfrentar uma plantação só ela e a



filha, manter-se para defender sua filha, sua neta e sua bisneta, além das pessoas que ela adotou dentro da família.

Danielle, filha de Antônia poderia ser definida como a mulher fogo, que seria o aspecto ilusório, mas cheio de vigor, sua função dentro da obra é trazer ao espectador a surpresa do olhar expressionista, encontrando traços de rebeldia e inovação que são aspectos dessa mulher. A construção da simbologia desta personagem seria a inovação, e também o contato íntimo que a arte tem com a feminilidade. Pois suas cenas de amor, são platônicas, dramáticas, quase que teatrais.

Os aspectos que Danielle traz são de inovação e quebra de linearidade, mas ao mesmo tempo a sensibilidade e o sentido de dominação das emoções. As artes e os contrastes de masculino e feminino são representados pelas características da artista. Suas obras trabalham o expressionismo que seria um “grito de liberdade” ligado as suas obras e a sua presença quanto a personagem do enredo, suas cenas são dramatizadas, ela “reencarna o sentido da arte e do artista”.

A filha de Danielle, Theréze, é configurada em meios termos dentro dessa "classificação" da mulher de Perrot, ela seria a soma de alguns fatores não definidos nessa classificação, criando em si, uma denominação de mulher-ar que seria a sabedoria e a inteligência. Dentro dos aspectos definidos pelos símbolos o ar é o signo da inteligência, da genialidade nata, do conhecimento que transpira e que exala a partir de cada reflexão sua.

Dentro desses termos, o Dicionário de Símbolos, trata a visualização do símbolo ar, da brisa fria, que é o aspecto feminino, mas sem grandes criações de vínculos sentimentais, a mulher-ar (que seria uma somatória de fatores não colocados na definição de mulher de Perrot. Suas reações são baseadas na justiça e nos aspectos que seu conhecimento, que é vasto, alcança.

Sarah, é a bisneta de Antônia e seu comportamento durante toda a obra, se mostra passível de sentimentos, enquanto narra a história dessas grandes mulheres, e começa a contar o início de sua vida, tem um compromisso grande com as lembranças de sua infância e de suas lembranças dessas vivências. Sarah é o aspecto da mulher água, que é sentimental e tem uma carga de carinho e dedicação àquelas que a precederam e as pessoas que conviveram com ela.

Além das grandes mulheres da obra que fazem da trama uma "história de sua família" encontramos também as mulheres agregadas na casa de Antônia e aquelas que fazem parte da obra e que suas participações são repletas de simbolismo. Deede, que foi



molestada pelo pelo irmão é o símbolo da mulher reprimida, que os homens dominam, seu pai e seus irmãos a tratam como escrava e "diversão sexual", ela tem um "atraso mental" que também representa a mulher inferior na intelectualidade, um personagem totalmente reprimido.

Olga, a russa traz em seu personagem o símbolo da companheira, aquela que trilha o mesmo caminho colaborando com os anseios da personagem título da obra. A Madona Louca, que é uma católica que em noites de lua cheia uiva para ela, é a representação do paganismo, do culto a Lua, mesmo que subjulgado pelo cristianismo presente no vilarejo, ela representa a passagem do tempo. Seu quarto fica acima do quarto de um protestante, o representante da inovação e da renovação financeira, mas que tem um objetivo, o amor da Madona Louca.

Quando a Madona falece, o protestante morre logo depois, eles são enterrados juntos, mesmo não sendo da mesma religião, em seu túmulo está a frase: "Não dividiram a mesma mesa, nem a mesma cama, mas dividem agora a mesma cova". Essa frase lembra o popularesco jargão "Depois de mortos, somos todos iguais". A convenção social os libertam dessas amarras e assim o patriarcado mostrasse frágil perante aos fatores da vida e a ligação da mulher com a natureza e seu intimismo com o desconhecido.

Considerações

Dessa forma, este artigo vem par ilustrar como as representações femininas são feitas hoje e como a mulher tem uma nova posição na sociedade. Mas não perdeu suas faces tão marcantes que povoam a cabeça inventiva dos homens, vendo mulheres que deixam cinzas, mulheres que são confidentes e aquelas que são sábias conselheiras e guardiãs da morte, que é o tema proposto no filme, mostrando Antônia e seu momento de encontro com a morte.

As cenas trabalhadas pela diretora e produtora Marleen Gorris deram ao filme uma grande unidade com a mulher e com o intimismo que ela carrega. Dessa forma, as presenças de mulheres, de carne e osso, são interessantes, pois elas não possuem poderes sobrenaturais, mas conseguem moldar o mundo e suas vivências por si mesmas.

Um ponto interessante é a primeira e a última frase do filme, que mostra o movimento circular da comunicação, da vida e das representações no filme: "Antônia



acordou naquela manhã e sabia que iria morrer, chamaria seus amigos e ente-queridos, avisaria que ia morrer e morreria".

A mulher vista pelo patriarcado não aceita essa relação de perda, de aceitar o distanciamento daqueles que ela apóia, mas Antônia responde através de seus aprendizados. Todas suas vivências e escolhas que são representadas durante o filme mostram que ela é humana, mas consciente de seu papel e de sua força para fazê-lo.

Assim a presença dessas mulheres como representantes dessa "ode feminista", como dizem seus críticos, são importantes. Nenhuma delas foi transgressora, mas o conformismo não esteve em nenhuma de suas representações. Antônia negou o casamento, Danielle era lésbica e artista, Théréze era um gênio num momento que homens eram cientistas e Sarah encontrou na sua narrativa uma linhagem de grandes mulheres e seu orgulho é evidente nesta narração.

O filme que foi Oscar em 1996, como melhor filme estrangeiro é mais que apenas convenções sociais e descobertas da potência feminina, essa obra é um universo de inteligibilidade que apenas o íntimo feminino com o mistério pode abordar de um ponto próximo, e não há como não ser espectador deste filme que mostra a realidade, o hoje se faz presente, no cenário de um vilarejo sem tecnologias no fim da Segunda Guerra Mundial.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gorris, M. Filme: “**A Excêntrica Família de Antônio**”, 1995.
- MALDIDIER, D. **A Inquietação do discurso**. (Re) Ler Michel Pêcheux hoje. Campinas. Pontes, 2003.
- DALLA COSTA, R. M. C. ; MACHADO, R. C. ; SIQUEIRA, D. . **Teoria da Comunicação na América Latina**: da herança cultural à construção de uma identidade própria. 1. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2006.
- ORLANDI, E. **Análise do Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas. Ed. Pontes, 1999.
- TEIXEIRA, Níncia C. Ribas Borges. "**Leituras Plurais**: Diálogo entre Letras, Ciências e Artes. Guarapuava, UNICENTRO, 2006.
- LIMA, A. A. **Idade, Sexo e Tempo**: três aspectos da psicologia. São Paulo. 11ª edição. Editora Agir, 1969.
- CANEVACCI, M. **Antropologia do Cinema**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1984.
- PERROT, M. **Os Excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1988.
- FUNCKY, S. B.; WILDHOLZER, N. R. **Gênero em discurso da Mídia**. Florianópolis. Ed. Mulheres, 2005.
- CUNHA, R. **Cinematizações**: idéias sobre literatura e cinema. Brasília. Círculo de Brasília, 2007.
- TREVIZAN, Z. **As malhas do texto**: escola, literatura e cinema. São Paulo. Clíper Editora, 1998.
- ARAUJO, I. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo. Editora Scipione, 1995.
- THOMPSON, J.J **Anatomia da Comunicação**. Rio de Janeiro. Bloch Editores S.A., 1973.
- SOUSA, J.P. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e da Mídia**. Florianópolis. Editora Letras Contemporâneas, 2004.
- CHEVALIER, J. **Dicionários de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números). Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 2000.